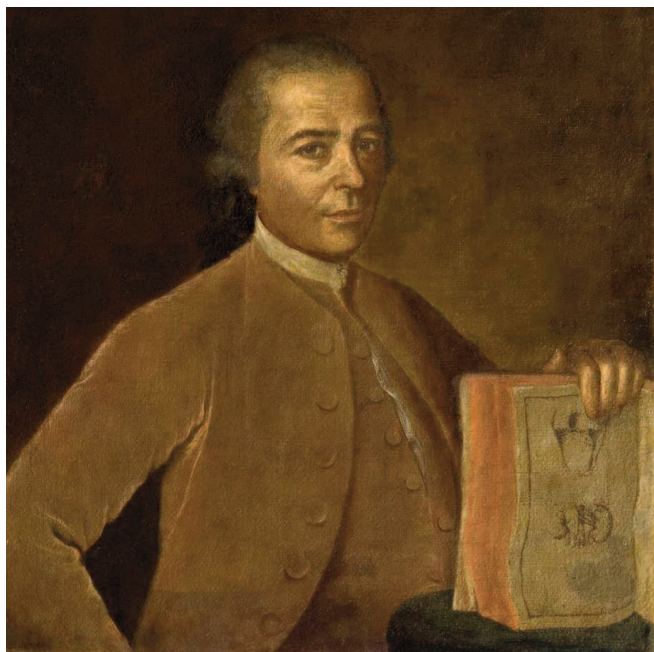


O Dr. Manoel Constâncio (1726-1817) e a reestruturação do ensino cirúrgico em Portugal

Luiz Damas Mora

Coordenador do Capítulo de História da Cirurgia Portuguesa da Sociedade Portuguesa de Cirurgia



O Dr. Manoel Constâncio com a farda de Cirurgião da Real Câmara

Foto Filipe Condado

Nota: o quadro de Manoel Constâncio aqui reproduzido foi, provavelmente, pintado por Manuel da Costa, aluno de Pillement, e representa-o vestido com a farda de cirurgião da Real Câmara. Permaneceu na Quinta do Vale da Louza durante mais de 200 anos, tendo sido recuperado pelo nosso colega Prof. Fernando Mena Ferreira Martins, que gentilmente, me permitiu a sua reprodução, e que é descendente da família Almeida Abreu, que adquiriu a quinta alguns anos depois da morte de Manoel Constâncio. A fotografia é de Filipe Condado.

Na história de qualquer ciência há figuras providenciais capazes de alterar o seu curso pela criação de novos paradigmas, umas vezes pela autoria de descobertas originais e revolucionárias, outras, pelo estabelecimento de novos modelos de organização. O Dr. Manoel Cons-

tâncio (1726-1817), que exerceu a sua actividade de anatomista e cirurgião ao longo da segunda metade do século XVIII e primeiros anos do século XIX, pertence a este segundo grupo. Fixou como metas da sua vida, a reabilitação social dos cirurgiões, a reestruturação do ensino da cirurgia mediante o aprofundamento dos estudos anatómicos e a criação das Escolas Régias de Cirurgia. Destes três objectivos só não viu realizado o último porque a morte o colheu oito anos antes da sua fundação em Lisboa e no Porto, em 1825.

Para compreendermos a importância da sua obra é preciso determo-nos um pouco sobre o panorama da Medicina em Portugal na primeira metade do século XVIII. Por essa época o ensino médico entre nós tinha entrado em verdadeira decadência. Basta dizer que D. João V tinha proibido as disseções em cadáver humano.

Físicos e cirurgiões viviam de costas voltadas uns para os outros, e os primeiros sentiam por estes trabalhadores manuais um verdadeiro desprezo, não lhes permitindo, por exemplo, usar os mesmos trajes, observar os mesmos doentes ou prescrever os mesmos medicamentos. Podemos dizer que os físicos estavam para os cirurgiões como o cérebro está para as mãos (será que ainda hoje há pálidos laivos desta presunção?).

Se analisarmos a formação de uns e de outros, veremos que havia alguma razão para que as coisas se passassem deste modo.

Os físicos eram exclusivamente formados pela Universidade de Coimbra, a única então existente, após um longo curso que constava de três anos e meio de Artes (Dialéctica, Lógica, Física e Matemática), a que



se seguiam quatro anos do curso de medicina, com diversas cadeiras regidas por diferentes professores especializados nas respectivas matérias, prolongados por mais um ano e, ainda, dois de prática hospitalar.

No caso dos cirurgiões nada disto se passava. Não lhes eram exigidas grandes letras antes de iniciar o curso, e alguns mal sabiam ler ou escrever, exigência que só viria a ser imposta em 1758 pelo Cirurgião-Mór do Reino, Dr. António Soares Brandão. O ensino da cirurgia era feito no Hospital de Todos-os-Santos (mais tarde no Hospital de São José) em Lisboa, em unidades militares (Almeida, Chaves, Elvas e Tavira) e na Misericórdia do Porto. Mas se no Hospital Real havia alguma estruturação no ensino ministrado num curso de quatro anos com diversas disciplinas de que eram responsáveis os três cirurgiões titulares – ainda que “*não dirigido segundo prescrições escolares*” (Eduardo Motta) – já nas outras instituições havia um só mestre que regia todas as cadeiras durante os mesmos quatro anos, sendo o exame final presidido por um delegado local do Cirurgião-Mór, a quem muitas vezes era paga a aprovação.

O calcanhar de Aquiles de todo este ensino era a anatomia, verdadeiro pilar da cirurgia, e isso foi, como veremos, claramente compreendido por Manoel Constâncio que, ao fazer assentar essa disciplina em bases científicas, deu o primeiro e fundamental passo para a criação da moderna cirurgia portuguesa.

Na Universidade de Coimbra o ensino da anatomia resumia-se ao estudo de alguns ossos e – segundo testemunho do Reitor Francisco Figueiroa (1662-1744) – à dissecação em carneiros! Em Lisboa, praticando-se embora a dissecação em cadáveres humanos, isso era feito com tal irregularidade que o resultado não era muito diferente do obtido em Coimbra.

Dois contemporâneos de Constâncio, Luís António Verney (1713-1792) e Ribeiro Sanches (1699-1783), tiveram a maior importância no progresso do ensino médico em Portugal.

O primeiro, teólogo, secretário da legação em Roma, escritor iluminista, foi um crítico acutilante da sociedade portuguesa (leiam-se as “Cartas Italianas”, recentemente editadas). Na sua obra “Verdadeiro

método de estudar para ser útil à Republica e à Igreja”, publicada em 1746, depois de afirmar que “*nas melhores partes da Europa um bom cirurgião sempre é Filósofo, e muitas vezes é médico*”, escrevia com lucidez e ironia o que pensava dos cirurgiões portugueses: “...*quase todos são meros sangradores. Sabem dar alguns pontos...*”, ou, mais adiante, “*E observei uma coisa mui galante: que quando lhes falam (aos aprendizes de cirurgia) em anatomia, respondem com uma risada*” e, noutra citação, “*De que vem que a quem sucede uma desgraça e os chama (aos cirurgiões portugueses), se não é coisa de pouco cuidado, ou há-de chamar um estrangeiro, ou há-de morrer*”.

Por seu lado Ribeiro Sanches, também ele um “estrangeirado”, discípulo de Boerhaave e médico de Catarina da Rússia, grande pensador, no seu “Método para aprender a estudar medicina”, publicado em 1763, propunha “*o envio de estudantes para os grandes centros estrangeiros para poderem estudar anatomia e cirurgia*”, o que, como adiante havemos de ver, foi concretizado por Manoel Constâncio, cerca de trinta anos mais tarde.

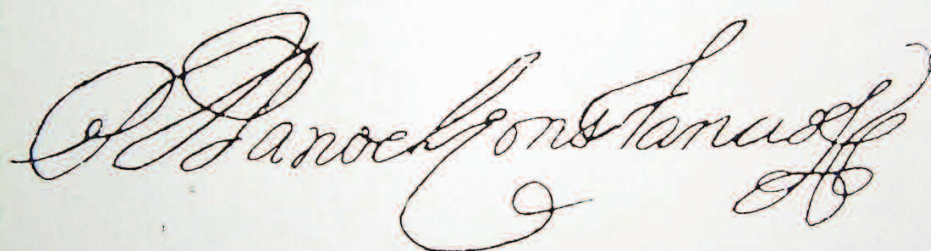
Como não havia em Portugal mestres competentes em anatomia humana foi necessário contratá-los no estrangeiro e, no tempo de D. João V, que reinou de 1706 a 1750, ensinaram no Hospital de Todos-os-Santos, sucessivamente, o catalão Monravá y Roca, o toscano Bernardo Santucci e o francês Pierre Dufau. Este viria a ter a maior influência na vida e carreira de Manoel Constâncio.

Monravá y Roca, embora anatomista e cirurgião competente, era uma figura polémica a quem Serrano, o nosso grande anatomista dos finais do século XIX, chamou “*sábio e charlatão descompostamente vaidoso*”. Em 1732 D. João V assinava a sua aposentação. É substituído por Bernardo Santucci, homem de grande valor, que institui um curso prático de dissecação de cadáveres. O despeito de Monravá, intrigando na corte, e, talvez, os preconceitos religiosos de D. João V, levaram a que fosse proibido ensinar anatomia no cadáver humano. Desgostoso, Santucci abandonou Portugal em 1747. Só em 1750, ano da morte do rei, a cátedra é restabelecida, vindo ocupá-la Pierre Dufau,



Matricula do Dr. Manoel Constâncio
no Hospital de Todos-os-Santos

« M.^{el} Constancio L.^o de João Alz já defunto e
de Josepha Marij. n.^{al} das Gentyeiras, tr.^o da V.^a
de Abrantes, praticante de cerurgia com o L.^{do} José
Elias da Fon.^{ca} LX.^a 27 de Fev.^o 1750 ». ✕



um grande anatomista e cirurgião francês que Sebastião José de Carvalho e Melo, o futuro Marquês de Pombal, tinha conhecido em Viena quando ali desempenhava o cargo de encarregado de negócios do Reino.

Vamos agora seguir, numa primeira fase, a vida de Manoel Constâncio desde o nascimento até ao seu encontro com Pierre Dufau.

Em 4 de Abril de 1726 numa pequena casa térrea, que ainda hoje existe, nascia na aldeia de Sentieiras, concelho do Sardoal, comarca de Abrantes, uma criança do sexo masculino a quem foi dado o nome de Manoel Alves. O nome “Constâncio” foi-lhe acrescentado já na idade adulta, como adiante veremos. Seus pais eram agricultores pobres e a família vivia do trabalho braçal do pai. Quando tinha doze anos o pai, João Alves, morreu, e a mãe e os sete filhos (Constâncio era o segundo) foram viver para o Sardoal. Aqui o jovem Manoel Alves, que desde sempre mostrara qualidades de trabalho e uma inteligência invulgar, começou a trabalhar com o barbeiro e sangrador da vila, revelando grande vocação para o mister. Eram os primeiros passos de uma carreira brilhante cujos reflexos se fazem sentir até aos nossos dias. Em 1742, com dezasseis anos, vai viver para Abrantes onde frequenta o Hospital da Misericórdia, passando a ajudar os cirurgiões. E com tanta eficácia o fez que o 2.^o Marquês de Abrantes, um mecenas, tendo tomado conhecimento da sua existência e das suas qualidades, o leva para Lis-

boa, onde o emprega como barbeiro e sangrador em casa de seu cunhado, o Conde de Vila Nova de Portimão, D. Pedro de Lancastre, homem com grande influência na corte. Constâncio fazia parte dos “familiares” da casa, termo então usado para designar os criados, cujos aposentos e mesa partilhava.

Mas Manoel Alves, que entretanto tinha estudado Português e Latim e lia com avidez todos os livros que pudesse alcançar, revelou-se de tal modo curioso, persistente e inteligente, que lhe puseram a alcunha de “Constâncio”, que ele viria a adoptar. Foi o Conde de Vila Nova, que com ele tinha longas conversas enquanto se deixava barbear, que o aconselhou a matricular-se como praticante de cirurgia no Hospital de Todos-os-Santos. Isso ocorreu no dia 27 de Fevereiro de 1750, sendo a cadeira de cirurgia regida pelo Dr. José Elias da Fonseca e a da anatomia por Pierre Dufau.

É aqui que mestre e discípulo se encontram pela primeira vez, iniciando uma amizade que se prolongaria pelo resto das suas vidas. Dufau exerce a maior influência sobre o seu discípulo, que protege, e este retribui-lhe com uma inteira dedicação ao trabalho e ao mestre.

Em 1754 Constâncio é facilmente aprovado no exame de sangrador e em 1758 alcança o lugar de cirurgião após prestar provas perante um júri presidido pelo Cirurgião-Mór do Reino, o Dr. António Soares Brandão. A partir daqui é a rápida ascensão na vida profissional, tornando-se num dos mais activos cirur-





A Quinta do Vale da Louza

giões da capital, e na vida social, começando a frequentar as grandes casas e tendo por clientes os aristocratas mais poderosos.

Em 1762 é mobilizado para o exército comandado pelo Conde de Lippe, num episódio fronteiriço da Guerra dos Sete Anos, em que Portugal e Inglaterra se aliaram contra Espanha e França, ficando o nosso cirurgião sob as ordens directas do 4º Marquês de Marialva que se vem a tornar seu grande amigo e protector. No entanto, no decorrer do seu serviço militar houve como que um regresso social, e Constâncio volta a exercer as funções de barbeiro. Pela dupla função que exerciam eram estes profissionais chamados os “rapantes-galenos”... O Conde de Lippe, grande organizador, chega mesmo a exarar uma Ordem de Serviço definindo as funções dos cirurgiões: “*que tomem grande cuidado dos feridos e enfermos e que façam a barba aos soldados todas as vezes que for preciso*”. Constâncio jura a si mesmo que há-de prestigiar o papel social dos cirurgiões. E ao longo da sua vida, vem a cumprir este propósito.

É provável, mas não há documentos que o provem, que tenha então conhecido o grande cirurgião inglês John Hunter (1728-1793) que se encontrava em Portugal integrando o corpo de exército inglês.

Em 1764, Pierre Dufau, francês e, portanto, potencialmente inimigo, não tem condições para continuar a exercer a profissão entre nós, e regressa a França.

Mas, antes, propõe que o lugar de lente de Anatomia seja ocupado por Manoel Constâncio que fica a reger a cadeira desde essa época.

Com a saída de Dufau são postos a concurso os lugares de lentes de Anatomia e de Cirurgia. São candidatos Manoel Constâncio e Filipe José Gouveia, que tinha trabalhado em Paris com Louis. D. José acaba por dar a cadeira de Anatomia a Constâncio e a de Cirurgia a Gouveia, a quem é entregue a enfermaria de Dufau. Mas Constâncio não se limita ao ensino de Anatomia e continua a sua carreira de cirurgião.

Entretanto, nos dias 3, 4 e 5 de Abril de 1775 faz-se a transferência dos serviços ainda existentes no Hospital de Todos-os-Santos para o Convento de Stº Antão-o-Novo, de onde os jesuítas tinham sido expulsos pelo Marquês de Pombal, em 1759, e ao qual é dado o nome de Hospital Real de São José. Constâncio, cujo ensino no Hospital de Todos-os-Santos era dificultado pelas precárias instalações resultantes do terramoto de 1755, vai encontrar no novo edifício as condições estruturais que lhe permitem aplicar os seus princípios. Todo o ensino era prestado na ala norte do hospital, onde hoje está a Unidade de Urgência Médica e onde, pela primeira vez, Constâncio passa a dispor de um moderno Teatro Anatómico.

A partir de então Manoel Constâncio vai dedicar todo o seu tempo ao ensino e fá-lo com entusiasmo e carisma, formando na sua escola notáveis discípulos que se tornarão célebres na geração seguinte.

O primeiro princípio que considerou fundamental foi o de que não era possível praticar cirurgia sem um conhecimento profundo de anatomia. Os praticantes de cirurgia são obrigados a demonstrar esse conhecimento por meio de disseções cadavéricas frequentes. Modifica também a metodologia do estudo. Nas aulas práticas os alunos mais velhos responsabilizam-se pelo ensino dos mais novos que, no final do ano, examinam. Ao longo do ano lectivo dá as suas aulas de Anatomia que transforma numa ciência sistematizada. Não tendo publicado qualquer obra, apesar dos seus conhecimentos e da sua capacidade para os transmitir, os alunos encarregam-se de recolher as lições de Constâncio em trabalhos manuscritos – as “Apostilas”



– de que resta hoje apenas uma, guardada na Biblioteca Central da Faculdade de Medicina de Lisboa, publicada em 1780 pelo seu aluno António Espírito Santo. Personalidades críticas como José António Serano (1851-1904) e Maximiano Lemos (1860-1923) consideram-na obra de grande mérito.

É, ainda, com Constâncio que se inicia a obrigação de no final do curso os alunos defenderem as então chamadas “Orações do Ponto”, embriões das futuras teses de licenciatura.

Como vemos, Manoel Constâncio encontrou o caos e teve o grande mérito de o organizar, de o estruturar, modificando para sempre o ensino da anatomia e da cirurgia em Portugal.

Mas não foi por ser metódico e persistente que se tornou um verdadeiro ídolo para os seus alunos, mas, sim, por passar grande parte do tempo junto deles, dando-lhes explicações gratuitas em casa, emprestando-lhes livros e chegando a ajudá-los financeiramente.

Na sua vida familiar Constâncio casou tarde: tinha cinquenta e um anos e a noiva, Joana Evangelista, uma formosa vizinha, mal completara os vinte e dois. Deste casamento nasceram quatro filhos: Francisco Solano Constâncio, um médico e intelectual que correu mundo, Joaquim Manuel, burocrata e conselheiro, o único a deixar descendência representada hoje pela família Pereira Coutinho, Pedro José, que foi padre em Sintra, mas, tornando-se amigo de Bocage, vem a celebrar-se como poeta satírico e boémio e Maria Margarida, a “Marília” dos poemas do sempre enamorado Bocage, que veio a ser uma dedicada filha, tendo sido a grande companhia do pai até à morte deste.

A vida, plena de trabalho bem remunerado e de alegrias familiares, vai correndo bem a Manoel Constâncio. Concretizando um sonho de sempre volta às suas origens e compra em 1779, em Sentieiras, a quinta do Vale da Louza, hoje conhecida, também, por quinta do Constâncio. Regressando à agricultura, mas, agora, no papel de proprietário abastado, aí vai passar todos os anos a época das colheitas, criando em terreno árido um sistema de condutas de água inspirado no Aque-

duto das Águas Livres (informação do actual proprietário Eng^o. Carlos Lopes de Sousa).

Reconhecendo o seu valor, D. Maria I, que muito o aprecia, nomeia-o, em 1786, cirurgião da Real Câmara e em 1789 atribui-lhe as insígnias de Escudeiro Fidalgo e Cavaleiro Fidalgo, mercê que só era concedida aos que, não sendo aristocratas, se distinguiam pelo seu mérito. Numa sociedade altamente hierarquizada e preconceituosa não era fácil ter nascido pobre sob a telha vã de uma pequena casa numa aldeia perdida no interior do país, e atingir na capital tais honrarias sociais.

Todavia, em 1791 dá-se uma tragédia que o vai marcar para sempre: Joana Evangelista, a sua ainda jovem mulher, morre, e Constâncio, no meio das múltiplas tarefas que desempenha, vai ter de educar sozinho os quatro filhos menores.

Mas não era homem que o infortúnio vencesse facilmente. No mesmo ano, com o apoio de Pina Manique e dos ministros José Seabra da Silva, seu amigo, e Luís Pinto de Sousa Coutinho, dá corpo à antiga ideia de Ribeiro Sanches de enviar alunos de medicina para centros estrangeiros prestigiados, a fim de aprofundarem os seus conhecimentos anatómicos e cirúrgicos.

Parte para Londres um primeiro grupo de sete “pensionados” recebidos na capital inglesa pelo nosso ministro João d’Almeida de Mello e Castro, todos indicados por Constâncio, entre os quais vamos encontrar: António de Almeida, já lente de operações no Real Hospital de São José e que viria a ser o mais famoso cirurgião português da primeira metade do século XIX, e, mais tarde, “fellow” do Royal College of Surgeons de Londres; Francisco José de Paula, também médico, anos depois, cirurgião-mór do Hospital Militar de Lisboa e membro da Junta Militar; Manuel Alves da Costa Barreto, que atingiria os cargos de cirurgião parteiro da Real Câmara, lente de operações e obstetrícia no Rio de Janeiro e cirurgião-mór do Reino; António Lopes de Abreu, que exerceu com grande brilho a sua actividade de cirurgião em Lisboa e Francisco Solano Constâncio, o filho mais velho de Manoel Constâncio que, por ter nessa época apenas catorze anos, só partiu mediante autorização especial



da rainha. Francisco Solano, um ano depois pede para ser transferido para Edimburgo onde se forma na Universidade de St. Andrew, com a idade de dezoito anos. Seria um dia reconhecido como prestigiado médico, intelectual e diplomata.

Por relatórios periódicos a que estavam obrigados, sabe-se que trabalharam no St. Thomas Hospital e no Guy's Hospital e que assistiram a operações executadas pelos grandes cirurgiões ingleses Henry Cline e Astley Cooper (1768-1841), este, um dos mais notáveis cirurgiões ingleses, que deixou o seu nome ligado a várias estruturas anatómicas como, por exemplo, o ligamento íleo-pectíneo. Eram ambos discípulos de John Hunter. Em Edimburgo os nossos alunos foram contemporâneos de Alexandre Monro II e Benjamim Bell.

Os contactos com estes verdadeiros “monstros” da cirurgia e da medicina europeias de então, tiveram a maior repercussão no nosso meio cirúrgico e iriam levar à criação das Escolas Régias de Cirurgia de Lisboa e do Porto, em 1825, já Constâncio tinha morrido.

A profunda influência exercida por Manoel Constâncio no ensino da cirurgia não se limitou à capital. Com efeito, discípulos seus, directa ou indirectamente, levam os novos princípios para o Porto, Coimbra, Rio de Janeiro e várias cidades do Reino onde existiam hospitais militares.

José Correia Picanço (1745-1823), nascido em Goiana (Brasil), obtém o título de licenciado em cirurgia no Hospital de São José onde segue o curso de Constâncio, cuja metodologia apreende e vai aplicar. Em 1772 vamos encontrá-lo como demonstrador de Anatomia na Universidade de Coimbra. É em Montpellier que obtém o título de Doutor, o que lhe permite ser nomeado lente de Anatomia da Universidade de Coimbra em 1779. Ali, como discípulo de Constâncio, impõe a prática da dissecação em cadáveres humanos. Mas a sua acção não se fica por Coimbra. Em Janeiro de 1808, já médico da corte, desembarca na cidade brasileira da Baía, acompanhando o séquito de D. João VI, e no mês seguinte lança a primeira pedra do ensino médico do Brasil: a Escola de Cirurgia do Hospital Real da Baía. Dois meses mais tarde

cria a cadeira de Anatomia no Hospital Militar da Corte do Rio de Janeiro e, pouco depois, a Escola Anatómica, Cirúrgica e Médica do Rio de Janeiro. A influência de Constâncio tinha atravessado o Atlântico.

Mas outra figura, discípulo e colaborador de Picanço, começava a despontar em Coimbra: Caetano Jozé Pinto d'Almeida (1738-1798), demonstrador de Anatomia em 1779 e lente de Terapêutica Cirúrgica entre 1783 e 1795. Foi ele que preparou “hum Esqueleto p^a a demonstração de todos os ossos que he o p^o, que tem esta Universidade”. Este esqueleto, que tem escrito no osso frontal “rapaz de 14 anos”, continua ao serviço nas aulas práticas de Anatomia... (informação pessoal do Prof. Alfredo Rasteiro da F. M. Coimbra).

No Porto, onde “*não havia propriamente ensino anatómico*” (Maximiano Lemos), foi preciso esperar até 1825, quando é fundada a Escola Régia de Cirurgia e se entrega ao grande anatómico e cirurgião Vicente José de Carvalho (1792-1851) a 1^a cátedra (Anatomia e Fisiologia) e, mais tarde, a cadeira de Operações. Ora Vicente José de Carvalho tinha sido aluno de Manuel José Teixeira a quem chama “meu muito prezado Mestre e amigo” que, por sua vez, era discípulo de Manoel Constâncio e seu sucessor na cadeira de Anatomia. São também discípulos de Constâncio que vão reger os cursos de Anatomia e Cirurgia das unidades militares: António José Coelho Rodrigues em Almeida, Manuel José Leitão em Chaves, João Carvalho em Elvas e Filipe José Gonçalves de Andrade em Tavira.

No hospital de São José a Constâncio não lhe agradava a forma como o ensino cirúrgico estava organizado e tudo faz para que se crie a Escola Régia de Cirurgia. Mas isso não vai acontecer no seu tempo, se bem que seja sob o seu impulso.

Entretanto os anos vão-lhe pesando e em 1799 pede para ser jubilado, o que só lhe foi concedido em 24 de Maio de 1805. Um ano depois retira-se para a sua “mui nobre quinta do Vale da Louza” acompanhado pela dedicada Margarida, a filha dilecta. Provavelmente seguia de longe o que se ia passando na sua Escola e sentiria orgulho ao ver que todas as cadeiras do curso eram ocupadas por discípulos seus.



Em 1815 Anatomia e Fisiologia era regida por Manuel José Teixeira, Higiene e Patologia Geral, por Francisco Luiz de Assis Leite, que entregava a instrução prática da cadeira a António Joaquim Farto, mais tarde cirurgião-mór do Reino, Terapêutica e Patologia Cirúrgica por Jacinto José Vieira que em 1825 virá a ser fundador e primeiro director da Escola Régia de Cirurgia de Lisboa, o sonho de Constâncio, e Operações e Arte Obstetrícia por António de Almeida, autor de um Tratado de Medicina Operatória o qual é, como já vimos, considerado o maior cirurgião português da primeira metade do século XIX.

Manoel Constâncio é, de facto, um farol irradiante cuja luz chega, brilhante, até aos nossos dias. Dele disse José António Serrano ser um “prestigioso cirurgião, benemérito da pátria e da ciência”.

Que impressão causavam aos seus contemporâneos os aspectos físico e moral do grande cirurgião? Nas palavras de seu filho Francisco Solano Constâncio

“*Manoel Constâncio foi de estatura mediana, de complexão seca; honrado, inteiro, sincero e independente; desprezador de honras e distinções...*” e António Joaquim Farto (1777?-1856), citado por Câmara Sinval (1806-1857), referindo-se-lhe, afirma “...o ilustre Constâncio, respirando aquela gravidade melancólica, que fez sempre o fundamento do seu génio...”, dando-nos assim, em pincelada breve, um apontamento sobre o seu carácter.

As forças vão-lhe faltando e no dia 14 de Julho de 1817, ao fim de 91 anos de vida dedicada ao progresso da cirurgia no seu país, morre tranquilamente nos braços da sua filha.

Foi enterrado na capela da quinta sob uma lápide onde estão inscritos os cargos que desempenhou e as honrarias que lhe foram prestadas. Ao hospital de Abrantes, construído nos anos 80 do século XX, foi dado o nome do Dr. Manuel Constâncio, consagrando, assim, um Homem que honra a cirurgia portuguesa.

BIBLIOGRAFIA

- Augusto de Castro – Manuel Constâncio (O Pareo português) – Arquivos da História da Medicina Portuguesa – Anos IX, X, XI, e XII (Nota: este e o seguinte são dois trabalhos indispensáveis para quem queira conhecer a vida de Manoel Constâncio)
- Barbosa Sueiro – Manuel Constâncio, a sua vida e a sua obra – Lisboa 1925
- Evaristo Franco – Glórias da Medicina Portuguesa – Ed. do autor – 1949
- Maximiano Lemos – História da Medicina em Portugal – vol. II – 2ª edição - 1991
- Maximiano Lemos – História do Ensino Médico no Porto - 1925
- Ferreira de Mira – História da Medicina Portuguesa - 1947
- Sebastião Costa Santos – Manuel Constâncio, 5º Lente de Anatomia e Restaurador da Cirurgia em Portugal – Arquivos de Anatomia e Antropologia – vol. XII – 1928
- Mário Carmona – O Hospital Real de Todos-os-Santos da Cidade de Lisboa – Imprensa Portuguesa Porto – 1954
- José António Serrano – Tratado de Osteologia Humana – Tomo I – 1895; Tomo II – 1897
- António Aurélio da Costa Ferreira – Cirurgiões portugueses em Inglaterra no século XVIII – separata da Medicina Contemporânea – 1915
- A J. Barros Veloso e Isabel Almasqué – Hospitais Cívicos de Lisboa – História e Azulejos – Ed. Inapa – 1996
- João Frada e Madalena Botelho – Os Medalhões da Faculdade de Medicina de Lisboa – Acta Médica Portuguesa 1995;8: 385-391
- Alfredo Rasteiro – O Ensino Médico em Coimbra – Ed. Quarteto – 1999
- Costa Sacadura e Montalvão Machado – Andanças do Ensino Médico em Portugal – Separata de “O Médico” – 1965
- Manuel Gião – As aulas de Anatomia e Cirurgia dos Hospitais Militares – Imprensa Médica – 1945
- Vieira Reis – Uma nova dissecação na Aula de Anatomia e Cirurgia de Chaves – Rev. Aquae Flaviae (5) -1991
- O Grande Livro dos Portugueses – Círculo de Leitores – 1990
- Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira



AGRADECIMENTOS

Este trabalho não teria sido possível sem a colaboração de:

Prof. Dr. Fernando Mena Martins e Eng^o. Fernando Mena Gravito, que me proporcionaram a visita à Quinta do Vale da Louza e, o primeiro, a reprodução do quadro de Manoel Constâncio; Dr. João Carlos Rodrigues que, sempre interessado nos assuntos da nossa cultura hospitalar, me incentivou a realizá-lo e me apresentou ao Eng^o. Mena Gravito; Prof. Dr. Henrique Bicha Castelo e Dr^{as}. Emília Clamote e Ana Murteira que, simpaticamente, puseram à minha disposição importantes documentos existentes na Faculdade de Medicina de Lisboa; Dr^a. Maria Manuela Caldas Canêdo, do Grupo de Estudos Olisiponenses, que muito me ajudou na pesquisa de elementos para o realizar; Sr. José Oliveira que me acompanhou na visita à Quinta do Vale da Louza; Sr^{as}. D. Fátima Ribeiro e Manuela Ribeiro e Sr. António Couto, do Secretariado do CHLC-EPE que, com paciência e boa vontade, digitalizaram texto e imagens.

